

TV INES: OS EFEITOS SUSCITADOS PELA PRESENÇA DO “CORPOSINALIZANTE” NO AUDIOVISUAL

Welington Ribeiro de Souza¹

Resumo: O presente artigo tem o desígnio de promover uma discussão concernente às alterações no audiovisual da TV INES pela presença do “corposinalizante”. Para tanto, realizou-se uma investigação de caráter qualitativo e exploratório que teve como principal arcabouço teórico os estudos de Marshall McLuhan. Nesse sentido, o corpo é entendido enquanto meio/ tecnologia que reverbera efeitos na cultura e na dimensão perceptocognitiva dos sujeitos.

Palavras-chave: Audiovisual; Corposinalizante; Tecnologia; TV Ines.

INTRODUÇÃO

O Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES –, em parceria com a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP), ambos vinculados ao Ministério da Educação, fundaram a TV INES em 2013. Trata-se de uma emissora acessível, cuja programação é veiculada em Língua Brasileira de Sinais – Libras –, acompanhada de locução oral em português e legenda.

Em especial, neste trabalho, abordaremos dois dos gêneros produzidos pela TV em questão, a saber: o “Jornal Primeira Mão” e o programa de entrevistas “Café com Pimenta”. Diante disso, busca-se responder a seguinte pergunta: como se articula a linguagem audiovisual do jornalismo e do entretenimento da TV INES, com a presença do “corposinalizante”?

Ao inquirir acerca da dinâmica entre o “corposinalizante” e a linguagem audiovisual, aspirou-se apreender de que maneira a presença desse corpo contribui para a redefinição da linguagem audiovisual, e em quais aspectos. Ademais, discutimos a constituição do corpo enquanto meio que tem seus efeitos construídos na cultura, modificando-a. Para tanto, atribui-se à Libras o caráter de meio tecnológico, alicerçado nos pressupostos de Marshall McLuhan.

Embora estejamos discutindo a Libras enquanto tecnologia e o corpo ressignificado por ela, consideramos a indissociabilidade entre ambos, visto que a

¹ Mestrando do PPGCOM da UFRB, orientando da profa. Dra. Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa. E-mail: welington0303@hotmail.com

Libras pode ser considerada agente de transformações na cultura porque está associada ao corpo. Tendo isso em vista, apresentaremos o corpo prolongado pela Libras como “corposinalizante”.

Faz-se necessário aludir ao termo “corposinalizante”, utilizado pelo grupo de artistas surdos e ouvintes em São Paulo que utiliza Libras. Eles fazem uso do corpo como forma de expressão artística por meio da dança, teatro e afins. Adotam o termo “corposinalizante” sem o uso do espaço entre as palavras, o que nos oferece um indício, a partir da materialidade do termo, de que corpo e língua de sinais são indissociáveis.

Além da introdução, o presente artigo está organizado da seguinte maneira: na seção denominada “Um panorama da história dos surdos”, abordamos alguns aspectos da evolução da educação dos surdos; em “Corposinalizante”: entrecruzamentos teóricos”, apresentamos uma discussão sobre o “corposinalizante” como meio, discurso e suporte, para tanto, utilizamos os estudos de McLuhan, Debray e de Orlandi; no tópico “A redefinição do audiovisual da TV INES”, analisamos em quais aspectos o “corposinalizante” modifica a dinâmica do vídeo na programação da TV INES.

UM PANORAMA DA HISTÓRIA DOS SURDOS

À luz dos relatos históricos concernentes aos surdos, constata-se o fato de que esses sujeitos estiveram em posições sociais subalternas em relação aos ouvintes. Como exemplo, Strobel (2009) afirma que, na Idade Antiga, em Roma e na Grécia, os surdos eram condenados à morte, lançados em rios e rochedos. Além disso, essas pessoas desprovidas do sentido da audição eram escravizadas, abandonadas, proibidas de receberem herança e de votarem. Goldfeld (2002) relata que, nesse período, “os surdos eram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas, e por isso eram abandonados ou sacrificados” (GOLDFELD, 2002, p. 27).

Ao sujeito surdo era atribuído o adjetivo de incapaz. Sua especificidade, o uso do corpo com a gesticulação na tentativa de estabelecer a comunicação, era

compreendido como sinônimo de incapacidade mental, logo, eram animalizados. Por consequência, a educação era negada aos surdos.

No que se refere à relação entre linguagem e audição, Aristóteles (1959) acreditava que a audição era um fator imprescindível para o desenvolvimento efetivo da linguagem, pois se tratava de um requisito para que existisse pensamento, de modo que, quando não se falava, conseqüentemente, não havia linguagem, tampouco pensamento. Uma vez que o sujeito não tinha audição, logo, era desprovido de racionalidade.

O pensamento de que a audição é o pilar da racionalidade perdurou durante muito tempo, assim, “a crença de que o surdo era uma pessoa primitiva fez com que a ideia de que ele não poderia ser educado persistisse até o século XV” (GOLDFELD, 2002, p. 28).

Com a abordagem mais abrangente em torno das questões da linguagem humana, foram estabelecidas diversas estratégias para a educação dos surdos, bem como a metodologia que utilizava a língua oral e/ou o uso da língua de sinais – língua visuoespacial –, que surgiu devido à necessidade de comunicação das pessoas nas comunidades por meio dos códigos visuais.

Goldfeld (2002) registra um dos principais nomes de educadores de surdos que adotaram a língua de sinais como principal meio para educá-los. Trata-se do abade francês Charles Michel de L’Epée, que, em 1750, “se aproximou dos surdos que perambulavam pelas ruas de Paris, aprendeu com eles a língua de sinais e criou os ‘Sinais Metódicos’, uma combinação da língua de sinais com a gramática sinalizada francesa” (GOLDFELD, 2002, p. 28-29).

As estratégias utilizadas por L’Epée no contexto da educação para surdos contribuíram significativamente para a sistematização da língua de sinais, outrora compreendida como mímica. Entretanto, o método com a utilização de sinais metódicos culminou em diversas críticas por parte dos defensores do oralismo. A esse respeito, Strobel (2008) alega que Thomas Braidwood (1715-1806), na Inglaterra, e Samuel Heinicke (1727-1790), na Alemanha, foram contra o trabalho de L’Epée, pois eles foram os precursores da filosofia oralista.

Com o embate entre filosofias de ensino, a utilização da língua de sinais como meio de educar os surdos passou a ser questionada quanto à sua eficácia, bem como em relação ao dano causado ao aprendizado da língua oral: “Em razão dos avanços tecnológicos que facilitavam a aprendizagem da fala pelo surdo, a partir de 1860 o método oral começa a ganhar força” (GOLDFELD, 2002, p. 30).

Em 1880, aconteceu em Milão o Congresso Internacional de Educadores de Surdos. Nesse evento, discutiu-se o melhor método para a educação de surdos: oralista, língua de sinais e misto (língua oral e língua de sinais). Strobel (2008) afirma que, no Congresso de Milão, estavam presentes, majoritariamente, educadores defensores do oralismo – os surdos não tinham direito a voto. Em decorrência desse evento, o método do oralismo venceu e a utilização da língua de sinais foi proibida. Diante disso, houve um grande retrocesso na educação dos surdos.

Segundo Goldfeld (2002), o método oralista² predominou durante quase cem anos, quando, em 1970, William Stokoe publica o artigo *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf*. O artigo abarcava estudos que comprovaram a complexidade na modalidade gestual, desse modo, evidenciou-se que a ASL – Língua Americana de Sinais – era tão complexa quanto as línguas orais. Com base nos estudos de Stokoe, outros estudos sobre a língua de sinais foram propostos, que deram início às novas filosofias de ensino para surdos: a comunicação total³, por conseguinte, o bilinguismo⁴.

Goldfeld (2002) relata que a trajetória da educação de surdos no contexto brasileiro teve início por volta de 1855, quando o imperador D. Pedro II convidou um professor francês surdo, Hernest Huet, para aplicar seus métodos educacionais em duas crianças surdas no Brasil. Em virtude desse acontecimento, os sinais da França foram hibridizados com os sinais já utilizados no Brasil.

Em 26 setembro de 1857, no Rio de Janeiro, foi fundado o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), pioneira

² Filosofia da educação de surdos que proíbe a utilização das línguas de sinais, obrigando-os a falarem oralmente.

³ Nessa vertente de educação, era permitida a utilização de diversas formas de comunicação ao mesmo tempo, bem como, a sinalização e a oralização.

⁴ Na filosofia bilíngue, permitiu-se a utilização das línguas de sinais e também da língua oral, entretanto, não simultaneamente.

em educação de surdos do país, adepta da língua de sinais. Entretanto, décadas posteriores, houve a proibição da sinalização nas salas de aula do instituto. Nesse período, intensificou-se o método oralista. Por conseguinte, o INES passa pela filosofia da comunicação total, voltando ao uso da língua de sinais somente em 1970.

As comunidades surdas brasileiras, com as ferrenhas lutas pelos seus direitos, atualmente, conseguem ter visibilidade no que diz respeito à acessibilidade linguística. Apesar disso, ainda há vácuos nas políticas públicas quando se trata de pessoas com especificidades. Entretanto, podemos mencionar o êxito dos movimentos dos surdos, por exemplo, quando, no dia 24 de abril de 2002, é sancionada a Lei nº10.436 e, no dia 22 de dezembro de 2005, promulga-se o decreto nº 5.626 que a regulamenta. Nos referidos documentos, respectivamente, registra-se o reconhecimento da Libras enquanto forma de comunicação e expressão de modalidade visual-motora com gramática própria, bem como a garantia à educação das pessoas surdas, formação do professor, do instrutor e do tradutor intérprete de Libras, cuja presença passa a ser obrigatória em espaços públicos para viabilizar a comunicação entre surdos e ouvintes. Embora já fosse reconhecido enquanto um profissional essencial no sistema de acessibilidade linguística, a profissão do tradutor intérprete de Libras/ português – TILSP – só foi oficializada em 1 de setembro de 2010, pela Lei nº 10.319.

Em conformidade com as Leis supracitadas, em 2013, o INES, em parceria com a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP), fundam a TV INES – cujos programas são objeto da presente pesquisa.

“CORPOSINALIZANTE”: ENTRECruzamentos TEÓRICOS

Para McLuhan (2005), o meio é entendido enquanto tecnologia que pode ser uma extensão de um ou mais órgãos sensoriais do ser humano, seja ele psíquico ou físico, que geram transformações em diversas esferas da sociedade, bem como na cultura. Para McLuhan “Todos los artefactos del hombre – ya sea lenguaje, leyes, ideas e hipótesis, herramientas, ropa, o computadoras – son extensiones del cuerpo físico o de la mente humanos” (McLUHAN, 1998, p. 453).

Em decorrência disso, cria-se um ambiente que é resultado dos efeitos que ressignificam os mais variados fenômenos sociais. Com o ser humano imerso nesse ambiente proporcionado pelas interferências dos meios, ocorre que sua dimensão perceptocognitiva é afetada, pois, paralelamente à criação do ambiente, há a alteração do modo como os sujeitos raciocinam, de modo que um interfere no outro. A percepção do mundo e de como o sujeito porta-se nele também é transformado. McLuhan (2005) afirma que “um meio de comunicação cria um ambiente. Um ambiente é um processo, não é um invólucro. É uma ação e atuará sobre os nossos sistemas nervosos e nas nossas vidas sensoriais, modificando-os por inteiro” (McLUHAN, 2005, p. 129). Nesse sentido, o uso de uma determinada tecnologia potencializa algum órgão sensorial, ocasionando a redefinição do corpo.

Ao constituir-se enquanto extensão, os meios ocasionam transformações importantes no comportamento humano, na sociedade e na cultura: “Los efectos de transformación de nuevos órganos artificiales – ellos generan condiciones totalmente nuevas de servicio ambiental y de vida [...]” (McLUHAN, 1998, p. 457). McLuhan (2005) estabelece que o meio é o ambiente criado pelos seus efeitos.

Ademais, o autor determina o meio enquanto figura e o ambiente como o fundo, de modo que, para que exista significação, é imprescindível que figura e fundo estejam atrelados. Nessa linha de pensamento, McLuhan (2005) esclarece que o meio cria um fundo de serviços que vai ser fundamental para a significação, a exemplo disso, o autor explica que o carro (figura) não é o meio, mas define enquanto meio os efeitos do carro, a saber, as fábricas, as estradas, as empresas petrolíferas, ou seja, o fundo de serviços criado pelo carro. Nesse sentido, o carro significará quando estiver junto ao fundo.

Tomando como pressuposto que a abordagem apresentada por McLuhan leva em consideração o ambiente para que haja a significação do meio, propomos uma aproximação entre a teoria de McLuhan e a Análise de discurso (AD) de filiação francesa trabalhada por Eni Orlandi. Uma vez que ambas as perspectivas delegam ao fundo a imprescindibilidade para a significação, na AD o fundo é o silêncio. Segundo Orlandi (2007), o silêncio é matéria significativa, pois sem ele não há sentido, da mesma forma que, em McLuhan (2005), o ambiente (fundo) é que faz o meio

significar. Dessa forma, meio e discurso convergem no que diz respeito à dependência das condições de produção de sentidos.

McLuhan (2005) afirma que toda tecnologia é constituída pelas tecnologias anteriores. Esse entendimento baseia-se em um dos elementos da téttrade que abarca as leis dos meios, segundo McLuhan (1998), a saber: amplificação (as tecnologias tendem a estender ou amplificar algum órgão sensorial); obsolescência (quando uma área da experiência é realçada ou intensificada outra é diminuída ou paralisada, porém, o meio que se tornou obsoleto não acaba, mas pode ser ressignificado); recuperação (o conteúdo de qualquer meio é o meio anterior, ou, ainda, ações, serviços e características de ambientes anteriores retornam ou são recuperados pelo novo meio/artefato/ forma); e inversão (quando levado aos limites do seu potencial, um meio/artefato/ forma tende a uma reversão de suas características originais).

De modo parecido, Orlandi (2013) expõe a ideia de que o discurso é proveniente de discursos anteriores; nesse sentido, os autores mais uma vez apresentam ideias que nos possibilitam hipotetizar algumas semelhanças. Na perspectiva da AD, esse movimento de constituição dos discursos envolve os processos parafrásticos e polissêmicos. O primeiro diz respeito às repetições dos discursos, ao passo que o segundo reporta-se aos deslocamentos de sentidos que acontecem de modo paulatino: “Como os sentidos não são indiferentes à matéria significante, a relação do homem com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos: pintura, imagem, música, escultura, escrita, etc.” (ORLANDI, 1996, p. 12). Nesse sentido, podemos conjecturar que os meios abordados por McLuhan podem ser entendidos também enquanto discursos, uma vez que as materialidades tecnológicas são submetidas às interpretações que culminam em significados múltiplos, dentro das condições de produção.

Ademais, para ambas as abordagens, a significação se dá mediante os efeitos: McLuhan evidencia os “efeitos dos meios” e Orlandi evoca os “efeitos de sentidos”. Como já mencionado, para a significação, as duas abordagens têm o “fundo” como fator imprescindível.

Diante desse sucinto preâmbulo, destacamos o “corposinalizante” enquanto tecnologia e discurso, materialidade simbólica que significa congruentemente à cultura em que está inserido.

No pensamento mcluhiano, as tecnologias têm o poder de estender os órgãos do ser humano, criam um ambiente e transformam a cultura e a percepção dos sujeitos sobre o mundo. Com essa compreensão acerca das tecnologias segundo McLuhan (2005), entende-se que a Libras, enfocada enquanto meio tecnológico, vai prolongar todo o corpo da pessoa que a utiliza, pois, para a execução dessa forma de linguagem, é necessária a disposição de todo o corpo, logo, há a indissociabilidade entre o corpo e a Libras. Diante disso, abordamos como “corposinalizante” o corpo que é estendido na cultura e, de modo peculiar, comunica-se gestualmente pelo meio comunicacional Libras, que o afeta como tecnologia. Com isso, há a redefinição do corpo. Em decorrência dessa extensão do sensorio, os efeitos desse “corposinalizante” começam a intervir na cultura.

A princípio, como aponta Goldfeld (2002), em muitas civilizações, negou-se a validade de cidadão/humano para os sujeitos surdos, que historicamente sempre estiveram localizados em espaços de inferioridade. Com a disseminação da língua de sinais (elemento tecnológico), estabeleceu-se um fundo, um ambiente decorrente desse corpo. Baseando-nos nos escritos de McLuhan (2005), o “corposinalizante” constituiu-se como meio que promove transformações socioculturais, que oferece um novo ambiente aos sujeitos: o caráter de cidadania para os surdos, as determinações legais que proporcionam maior participação dos surdos na sociedade, a criação das escolas e das universidades específicas para os surdos, tal como o Instituto Nacional de Educação de Surdos, dentre outros. Esses são alguns dos efeitos causados pelo meio “corposinalizante”. Isso reafirma o que McLuhan (2005) diz a respeito do fundo de serviços criado pela tecnologia.

Além do que fora supracitado acerca dos efeitos da tecnologia Libras, evocamos para o sistema *SignWriting* (SW), um dos mais icônicos efeitos do “corposinalizante” nas comunidades surdas de vários países. SW reporta-se a um sistema de escrita de sinais desenvolvido em 1974 pela dançarina norte americana Valerie Sutton, que possibilitou representar graficamente os movimentos do corpo que

sinaliza. Inicialmente, Sutton denominava o sistema de *DanceWriting*, utilizado para representação dos movimentos na dança. Posteriormente, o sistema foi ressignificado para o registro do “corposinalizante”.

Diante desse fato, vislumbramos a relação da tecnologia da língua de sinais com a dança, pois ambas as tecnologias necessitam imprescindivelmente do corpo para produzir sentidos na cultura. Destacamos a Libras, a dança e a própria escrita de sinais como conteúdos do “corposinalizante”. Nesse caso, o “corposinalizante” é tanto fruto do ambiente de Libras como se constitui numa tecnologia. Nesse viés, o “corposinalizante” tecnológico reverberou efeitos em diversas sociedades, decorrente do novo sistema de representação gráfica dos movimentos do corpo contidos nas línguas de sinais. Desse modo, ocorre a redefinição da cultura surda e das perspectivas de ensino e aprendizagem da língua de modalidade gestual a partir do SW: materiais didáticos são elaborados utilizando o sistema, surge a literatura em SW, roteiros para gravação de vídeos em SW, cursos de SW. Daí, temos uma cadeia de efeitos ocasionados pelo corpo tecnológico, que afeta o modo de perceber e estar na cultura.

Baseando-nos no panorama apresentado, entende-se que, com a sinalização, o corpo é afetado pelos efeitos do meio tecnológico da Libras, assim, aponta-se para a redefinição do aparelho fonador em função do uso do corpo para a comunicação: os braços passam a assumir o lugar da língua e o corpo todo o espaço bucal, semelhante à dinâmica pela qual a língua toca os alvéolos palatais, o palato, os dentes e os lábios para produção sonora; e as mãos tocam pontos específicos do corpo para a produção dos sinais que significam, assim como o efeito produzido pelos toques da língua no aparelho fonador.

Segundo McLuhan, o surgimento de um meio torna o anterior obsoleto, isso significa dizer que o surgimento e a intensificação de um meio acaba por obsolescer o meio que outrora era utilizado para o mesmo fim. Diante dessa afirmação e do fato de a língua de sinais ser uma tecnologia do “corposinalizante”, temos a indicação de que o surgimento de um meio não elimina os antecessores, mas redefine-os. Nessa perspectiva, entendemos que a tecnologia do “corposinalizante” torna outras tecnologias obsoletas. Destarte, aludimos, hipoteticamente, às tecnologias obsoletas: quando o sujeito surdo tem a oportunidade de utilizar a língua de sinais, o meio da língua oral

e/ou dos sinais caseiros⁵ tornam-se obsoletos, pois o uso da língua sinalizada intensifica-se para/no sujeito surdo na comunicação. Os sinais caseiros e a língua oral serão recursos, se forem usados, esporádicos. Daí a obsolescência. Em um caso inverso, com ouvintes, as crianças tendem a utilizar a apontação (gestos) para a comunicação primária. Posteriormente, com a aquisição da língua oral, a sinalização torna-se obsoleta para os ouvintes. A utilização da gestualidade com a finalidade de comunicação para os ouvintes, na maioria das vezes, se dá quando, em uma situação conversacional, não se conhece o código linguístico do outro.

A esse respeito, o psicólogo Michael Corballis, no documentário “Origens da linguagem”, assevera que o ato da fala oral é o gesto. Ainda acrescenta que a fala foi uma adaptação da linguagem manual. Nessa perspectiva, evocamos o corpo enquanto suporte, este que, segundo Debray (1993), tem caráter de registro, transmissão e estocagem, o que significa dizer que ele é agente criador e transformador do ambiente, uma vez que pressupõe, na sua própria materialidade, o que é possível ser dizível; sua materialidade significa, além disso, ressignifica o modo de percepção das pessoas. Para Debray (1993), os efeitos dos suporte criam a miosfera, que se refere a um ambiente sógnico que surge a partir das materialidades dos suportes. Esse acontecimento culmina na interferência nas formas de raciocinar, ou seja, na dimensão perceptocognitiva dos sujeitos. À vista disso, o autor aponta para o fato de que não há neutralidade dos suportes, uma vez que eles têm o poder de interferir de modo significativo na cultura. Nesse viés de corpo na perspectiva de Debray, verificamos novamente, assim como em McLuhan, que o “corposinalizante” estendido tecnologicamente pela língua de sinais possui o poder de criação e transformação do ambiente/ miosfera e, de modo igual, altera a percepção de cultura e mundo dos sujeitos.

Em consonância com as proposições supracitadas, Katz e Greiner (2002) entendem o corpo enquanto agente ativo no ambiente, afetando-o e sendo afetado por ele, numa relação mútua. As autoras afirmam que “As informações do meio se instalam no corpo; o corpo, alterado por elas, continua a se relacionar com o meio, mas agora de outra maneira, o que leva a propor novas formas de troca. Meio e corpo se ajustam num fluxo inestancável de transformações e mudanças (KATZ; GREINER, 2002, p. 90).

⁵ Trata-se de uma modalidade de comunicação restritiva utilizada pelos surdos que não detém uma língua. Consiste na utilização da mímica para estabelecer a comunicação.

Elas ainda ratificam que o corpo mídia é “o resultado provisório de acordos contínuos entre mecanismos de produção, armazenamento, transformação e distribuição de informação” (KATZ; GREINER, 2002, p. 97). Essas relações se dão dentro da dinâmica comunicacional em que o corpo é modelizado pela tecnologia e transpassado pela cultura. O corpo existe na cultura.

Nesse sentido, é pertinente a afirmação de que o “corposinalizante” não é neutro na cultura, mas é ativo. Mediante esse corpo, novas formas de cultura são engendradas, outros corpos são afetados pelos seus efeitos, transformações contínuas são ocasionadas nos corpos e no ambiente, um agindo sobre o outro.

Assim sendo, interpelamos o “corposinalizante” enquanto meio, suporte e discurso, que traz em si (re)produção, engendra cultura altera e constrói ambiências. É justamente nessa perspectiva de corpo que buscamos compreender seus efeitos na relação com a linguagem audiovisual da TV INES.

A REDEFINIÇÃO DO AUDIOVISUAL NA TV INES

Diante do que fora considerado acerca do meio e seus efeitos, é pertinente a afirmação de que a própria instituição INES e, por consequência, a TV, é um dos efeitos do meio tecnológico da língua sinalizada, pois foi pelo advento da tecnologia Libras que surgiram as estruturas supracitadas. Se não fosse pelos efeitos do meio em questão o INES não existiria. Esse fato é consonante com o que McLuhan (2005) assevera no que tange os efeitos do meio na sociedade e na cultura. Entende-se que esse efeito a [Libras] faz significar de modo mais enfático na cultura. Antes de destacarmos algumas alterações causadas pelo “corposinalizante” na programação da TV INES, propomos uma observação no que se refere à presença do corpo que sinaliza em emissoras ouvintes com janelas para intérpretes de Libras. Pensar a programação audiovisual da TV brasileira ouvinte, nela inserida a mini tela para a interpretação em Libras, demonstra que o corpo não é enfatizado, uma vez que em minúsculas janelas a visualização do “corposinalizante” torna-se opaca. Geralmente, há a predominância do plano médio⁶ (PM), com ouvintes expressando-se na cena principal e no canto inferior

⁶ Nesse plano a pessoa é enquadrada da cintura para cima.

direito/esquerdo da tela um quadro 4x4, com o intérprete de Libras. Diante disso, percebe-se que a presença do corpo tecnológico que sinaliza não altera em maiores proporções a arte, a dinâmica do vídeo.

Diante disso, é possível aferir que a presença do “corposinalizante” dentro das condições de produção do audiovisual ouvinte é significada de modo distinto das interpretações/significações da produção surda da TV INES. Segundo assevera McLuhan (2005), o meio constrói sentido quando posto em relação ao fundo de serviços ocasionados por ele, desse modo, entende-se que o “corposinalizante” atrelado ao seu fundo – o ambiente decorrente da utilização do corpo para comunicação visual espacial – significa e altera as percepções de mundo de modo mais potencializado. Isso está em consonância com Katz e Greiner (2002) acerca da ideia de que o corpo não é passivo em relação ao ambiente, pois eles se contaminam mutuamente.

Além do mais, baseando-nos na teoria da análise discursiva, segundo Orlandi (2013) temos que o discurso vai significar segundo a posição ocupada pelo sujeito. Nesse viés de pensamento, entendemos o “corposinalizante” enquanto materialidade discursiva que vai suscitar matrizes de sentidos distintas quando ocupa espaço na TV ouvinte ou na TV surda. Em cada ambiente supracitado, os efeitos de sentidos serão multifacetados, pois “[...] o sentido não está (alocado) em lugar nenhum mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos e isso só é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas [...]” (ORLANDI, 2007, p.20). Assim, o “corposinalizante” na TV INES vai criar um ambiente simbólico em que ele será valorizado enquanto elemento cultural. Esse fato nos remete à ideia do “corposinalizante” enquanto suporte, atrelando esse corpo à teoria do Debray (1993). O corpo que significa pela sua materialidade, que modifica o ambiente criado ao seu redor, nesse caso, o audiovisual.

Dito isso, aludimos, de modo sintético, acerca da redefinição da linguagem audiovisual do “Jornal Primeira Mão” e do programa de entretenimento “Cafê com Pimenta” pela presença do “corposinalizante”. Nota-se em ambos que o “corposinalizante” ocupa o espaço de destaque na organização visual da tela. A utilização do meio Libras redefine o ambiente em que se apresenta, de modo a alterar o modo de produção da informação e apresentação do jornalismo – isso fica mais evidente

se comparado ao jornalismo ouvinte. No “Jornal Primeira Mão”, percebe-se a constância de planos gerais⁷ (PG) enquanto os jornalistas sinalizam a informação; nesses momentos mostra-se a bancada e os apresentadores, entre eles, uma tela que ora apresenta uma imagem estática ora em movimento (a imagem auxilia no entendimento da informação). Os apresentadores dispõem de mais tempo para falar sobre as notícias, diferente do que acontece no jornal tradicional.

(Figura 3: Jornal primeira mão/ Fonte: <http://tvines.org.br/>)



Quando a notícia é apresentada em vídeos que corresponderiam àqueles em voz off, a tela é dividida quase igualmente com uma janela consideravelmente grande do intérprete de Libras, que faz a interpretação da voz off; nesse momento não existe confidencialidade para quem visualiza o “corposinalizante”, pois ele é a própria voz. Nesse sentido, no jornalismo surdo não existe voz off. O audiovisual da TV INES adequa ao “corposinalizante” os enquadramentos estratégicos que proporcionam a liberdade performática na mediação da informação. O corpo é entendido como instrumento elementar para se comunicar, portanto, o audiovisual é modelizado por causa da tecnologia corporal.

(Figura 4: Jornal primeira mão/ Fonte: <http://tvines.org.br/>)



Do mesmo modo, existe uma dinâmica entre o audiovisual e o “corposinalizante” no programa de entrevistas “Café com Pimenta”, em que predomina mudanças de planos, todos privilegiando a exibição do corpo que sinaliza. Algumas das montagens de planos mais recorrentes do programa são:

(Figura 5: Café com Pimenta/ Fonte: <http://tvines.org.br/>)

⁷ A câmera é posicionada para enquadrar todo o espaço da ação.



tela dividida na metade, de um lado plano geral (PG), do outro plano médio (PM).

(Figura 6-7: Café com Pimenta/ Fonte: <http://tvines.org.br/>)



PG e em seguida PM.

(Figura : 8 Café com Pimenta/ Fonte: <http://tvines.org.br/>)



PM de um lado e do outro.

Esses formatos enfocam a utilização do corpo, por exemplo, quando o convidado é surdo, a tela é dividida em duas partes, de um lado é mostrado o apresentador e o entrevistado no PG ao passo que, quando um deles sinaliza, é posto do lado em PM. Isso oferece um indicativo de que a visibilidade do “corposinalizante” é prioritária no programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação teve como objetivo apreender de que maneira a presença desse corpo contribui para a redefinição da linguagem audiovisual na TV INES. Para tanto, traçamos uma discussão acerca do corpo sinalizante enquanto meio, suporte e discurso, no qual suscita sentidos diversos quando atralado às consições do ambiente.

Apreendeu-se que o “corposinalizante” é constituído tecnologicamente, os seus efeitos sobre a sociedade e a cultura são inegáveis. O meio Libras transforma o sensório

do corpo humano, bem como a dimensão perceptocognitiva, o ressignifica no ambiente criado pela tecnologia. O “corposinalizante” participa de um movimento mútuo de ações entre o corpo e o ambiente, nesse sentido o corpo e a cultura estão em constante relação.

Diante do que fora apresentado, é pertinente afirmar que, baseando-nos nos apontamentos do McLuhan, o “corposinalizante” redefine o formato do audiovisual, uma vez que esse corpo tecnológico dinamiza as técnicas da manipulação de áudio e vídeo, com base no meio da língua visual-motora-espacial. Conclui-se que o “corposinalizante” significa de modo mais enfático pela cultura quando ele aparece na TV INES, pois esta constitui-se um dos efeitos do meio.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Arte da Retórica e Arte da Poética**. Trad. De Antônio Pinto de Carvalho. Edições de Ouro. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1959.
- DEBRAY, Régis. **A dinâmica do suporte**. In: DEBRAY, Régis. Curso de midiologia geral. Rio de Janeiro: Vozes, 1993. p. 205-240.
- GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 7ª ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- KATZ, Helena. GREINER, Christine. A natureza cultural do corpo. In: Roberto Pereira; Silvia Sotter. (Org.). **Lições de Dança 3**. Rio de Janeiro: Editora Univer Cidade, 2002. p. 77-102.
- McLUHAN, Marshall. O meio é a massagem. In: McLUHAN, Stephanie & STAINES, David (Orgs.). **McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 113-142.
- McLUHAN, Marshall. Viver à velocidade da luz. In: McLUHAN, Stephanie & STAINES, David (Orgs.). **McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p. 267-286.
- McLUHAN, Marshall. Leyes de los medios. In: McLUHAN, Eric; ZINGRONE, Frank. **McLuhan. Escritos esenciales**. Buenos Aires: Paidós, 1998. p. 453-470.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 11. ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2013.
- _____. **As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.
- _____. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. (rev.) Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- _____. **História da educação de surdos**. UFSC. Florianópolis, 2009.
- YOUTUBE. **As Origens da Linguagem - Documentário dublado**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cYJoXsfgenQ&t=2344s>>. Acesso em: 23 out. de 2020.

